

**SUBVERSÃO PARÓDICA DO SUPER HOMEM NIETZSCHEANO EM  
“UM CASO DOLOROSO” DE JAMES JOYCE**

Bruno Leite Russi MAIA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo estudar a presença e o tratamento de categorias conceituais do filósofo alemão Friedrich Nietzsche no conto “Um Caso Doloroso”, do escritor irlandês James Joyce, especialmente o conceito de Super Homem. Nossa leitura aponta para uma subversão paródica do conceito de super-homem na articulação ideológica e estrutural da saga de James Duffy, o protagonista da história.

**Palavras-chave:** Joyce. Nietzsche. Super Homem. Subversão. Dialogismo.

Em 1902, o poeta William Butler Yeats justificava sua demora em visitar sua grande parceira literária e colega ativista no chamado ‘Renascimento Celta’, Lady Gregory, por estar demasiado ocupado lendo os textos do “grande encantador”, Friedrich Nietzsche. A esta altura, Yeats, não só um dos grandes nomes da literatura irlandesa, mas que já figurava como um dos maiores poetas de expressão inglesa, exercia grande influência nos círculos intelectuais e culturais de Dublin, e seu entusiasmo o levou a fazer circular textos do filósofo teutônico na capital dos celtas<sup>2</sup>. James Joyce, um jovem estudante e leitor onívoro, não poderia passar incólume à febre que contaminou os intelectuais irlandeses do início do século XX.

O povo irlandês neste período ainda vivia sob o jugo britânico, e apesar de ser em sua maioria iletrado e analfabeto, a inquietação rebelde já lhes tinha sido semeada por poetas como Thomas Davis<sup>3</sup>, pelo esforço da ‘Liga Gaélica’<sup>4</sup> na valorização e recuperação da cultura irlandesa, e depois pelo movimento propulsionado pelos poetas e artistas do ‘Renascimento

---

<sup>1</sup> Mestrando na Universidade do Vale do Rio Verde - Unincor, Três Corações, MG, Brasil. E-mail: [dagdax@gmail.com](mailto:dagdax@gmail.com)

<sup>2</sup> Dublin, embora seja uma cidade construída pelos invasores vikings, e os irlandeses terem raízes tanto celtas, quanto vikings e saxônicas, os nacionalistas referiam aos irlandeses como celtas, pois esta era uma identidade que não fora comum à Inglaterra. Mesmo Joyce em suas obras, às vezes chama seus compatriotas de celtas.

<sup>3</sup> Thomas Davis (14 October 1814 – 16 September 1845) foi um poeta e líder do movimento nacionalista Young Ireland. Seu lema era ‘Eduque-se que você talvez seja livre’, e preconizava que os irlandeses deveriam antes de partir pra um confronto bélico deveriam se instruir e saber de suas raízes, seu passado e tradições.

<sup>4</sup> Fundada por Douglas Hyde, a liga tinha como objetivo resgatar a língua gaélica que pendia à obsolescência e as tradições culturais irlandesas, desde a dança, a música, a literatura e os esportes.

Celta' e seus trabalhos que e eram encenados no Teatro Literário Irlandês. Este círculo de poetas e intelectuais via em Nietzsche uma força geradora, transformadora e rebelde que catalisava o impulso para o levante iminente que ansiavam contra os colonizadores ingleses que os subjugavam há mais de 700 anos.

Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15/10/1844 — Weimar, 25/08/1900) é um dos maiores pensadores da história e um dos mais influentes filósofos modernos. Viveu na segunda metade do século XIX e deixou para a posteridade um conjunto de obras demolidoras para o pensamento ocidental. Via a si mesmo como uma dinamite, dado seu poder em abalar os edifícios conceituais cristalizados no curso da história graças à metafísica platônica, que tem como um de seus efeitos o ressentimento cristão<sup>5</sup>, ou qualquer postura moral ou castradora que reprima o indivíduo a tornar-se a si mesmo. Nietzsche dizia que nascera póstumo, que só as gerações posteriores conseguiriam entendê-lo, e ainda declarou, em sua autobiografia *Ecce Homo* que um dia seu “nome seria associado à lembrança de algo tremendo - de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciência, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, querido.”<sup>6</sup>

A chegada dos textos Nietzscheanos à Irlanda, via Yeats e Arthur Symons, agitou os asseclas do Renascimento Céltico por uma via e James Joyce por outra. Enquanto a “transvaloração de todos os valores” se adequava ao ideal de anarquia<sup>7</sup>, levante e de ameaça à ordem vigente que os irlandeses tanto ansiavam, para Joyce, que nunca foi partidário do Renascimento Celta, da Liga Gaélica e que sempre se mostrou um indivíduo apolítico, este mote da “transvaloração de todos os valores” o influenciou bastante e foi aplicado em outros contextos que não os da questão irlandesa. Além disso, Joyce imbuíu suas obras com conceitos do filósofo alemão, ora por meio de alusões e citações, ora sob pastiche, ora compartilhando, mesmo que subliminarmente as idéias nietzscheanas.

Nesta pesquisa, analisamos como o irlandês manipulou um dos grandes conceitos nietzscheanos, o Super Homem (*Übermensch*), subvertendo-o ironicamente num conto de sua

---

<sup>5</sup>Platão, ao distinguir o mundo das idéias, o verdadeiro, do mundo sensível, o imperfeito e cópia daquele outro, criou a metafísica. O Cristianismo seria contaminado pela metafísica platônica postulando o além-mundo como um mundo melhor e sagrado em detrimento ao mundo ‘real’ em que vivemos. Este seria pra Nietzsche o início da negação da vida, do niilismo que marcou séculos e séculos da consciência ocidental com a moral do ressentimento característicos do ideário cristão.

<sup>6</sup>Joyce também cria em sua posteridade e comentando sobre *Ulisses* disse: "Eu coloquei nele tantos enigmas e quebra-cabeças que ele manterá os professores ocupados durante séculos".

<sup>7</sup>Literalmente o termo anarquia designa ‘sem governo’, mas aqui adotamos o uso corrente que se faz do termo significando movimentos libertários contra regimes autoritários.

primeira publicação em prosa, a coletânea *Dublinenses* (1914). Este é um recorte entre muitas outras ocasiões em que a obra de Joyce dialoga com o texto de Nietzsche, nem sempre por meio da paródia ou da ironia, diálogo este que estamos pesquisando para o desenvolvendo de um trabalho maior.

Como já mencionamos nos primeiros anos do século vinte, os textos do “grande encantador” alemão sacudiam a cena intelectual dublinense e, James Joyce, a esta altura já disposto a balançar a cena literária irlandesa com seus ataques ao Renascimento Celta que segundo o autor, pintava uma Irlanda nostálgica, vestida de magia e sonho, o que não correspondia à realidade, escrevia textos, contos e poemas que desmitificavam essa Irlanda mágica tão cara aos escritores nacionalistas.

Seu primeiro ataque textual foi no poema-panfleto, “O Santo Ofício” que distribuiu em Dublin, no qual o eu-lírico se apresentava como um sacerdote que trazia expunha a verdade a seus contemporâneos e condenava à fogueira os pregadores de falácias, no caso, os poetas e escritores irlandeses da época: Yeats, Synge, Russel e outros.<sup>8</sup>

A aproximação do sacerdote com o poeta já marca uma identificação com Nietzsche e sua crença no artista e no gênio como salvadores da raça. No poema, o poeta (eu-lírico) se apresenta como discípulo de Aristóteles e vai ensinar nas tavernas e bordéis. Ele como o arauto do reino traz a verdade a seus compatriotas e se identifica com uma cloaca que “jorra imundícies e odores” aos bucólicos nacionalistas.

Dou-me este denominativo  
A mim : Catarse-Purgativo<sup>9</sup>.  
Eu, que troquei tortuosa via  
Pelo manual de poesia,  
E a bares e bordéis transporto-lhes  
O gênio agudo de Aristóteles -  
Pros bardos não errarem a esmo,  
Eu interpreto-me a mim mesmo:  
Ouve o meu lábio, que repete  
Cultura peripatética.  
(...)  
Mas essa é a gente que me impele a  
Ser a cloaca da “panela”.  
A bem dos sonhos sonhadores  
Jorro imundície e maus odores ...”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup>Nota-se já a ambiguidade e a ironia tão caras à estilística joyceana no título do poema, *O Santo Ofício*, que remete aos tribunais da inquisição, os tribunais do santo ofício e ao santo ofício do poeta/ sacerdote em iluminar seu povo com a ‘boa nova’;

<sup>9</sup>Nota-se o uso do termo aristotélico “catarse”, que designa purificação por meio do terror e piedade, justaposto à idéia de purgação que ainda se põe presente no mesmo campo semântico, mas, sendo Joyce, não fica oculta a remissão ao purgante, “ medicamento que causa evacuação do intestino”.

Como Nietzsche, ele se vê acima de seus contemporâneos, e até faz alusão, como o alemão, de estar num cume elevado. Em **Assim Falou Zaratustra** Nietzsche diz na voz do profeta “Olhais para o alto quando aspirais elevar-vos. Eu, como já encontro-me acima, olho para baixo...”(NIETZSCHE, 1999, p. 45). Este é um dos muitos momentos em que Nietzsche mostra sua arrogância e se coloca acima dos homens de sua época.

Nietzsche trouxe a lume alguns conceitos que perpetraram na cultura ocidental como a Vontade de Potência, o Eterno Retorno, a “morte de Deus” e o Super Homem. Vale aqui lembrar que o Super Homem, é a superação do dualismo “bem x mal”, a superação da “moral do escravo”, a superação do asceticismo — representaria o fim da negação da vida e o começo da reafirmação desta através de seus impulsos primordiais e instintos básicos. Seu impulso é o dionísíaco. Ele está acima das convenções morais e é seu próprio deus, é a força, é o que se supera e triunfa. É um indivíduo forte que cria suas próprias leis e não segue as do rebanho. O Super Homem aceita a vida como ela é: incerta, conflituosa e sem ilusões. Ele aceita as forças cósmicas incertas e contraditórias que os outros negam e temem dizendo sim a vida. O Super Homem carrega consigo o Amor Fati, que segundo o próprio Nietzsche é amar o inevitável, amar o justo e o injusto, o próprio amor e o desamor ser, antes de tudo, um forte, sem reclamar da vida, sendo indiferente ao sofrimento.

Joyce, segundo seu mais respeitado biógrafo, Richard Ellmann, em 1903 já era um leitor de Nietzsche e já tinha abraçado algumas de suas idéias, “foi provavelmente em Nietzsche que Joyce se inspirou quando expôs a seus amigos um neo-paganismo que glorificava o egoísmo, a licenciosidade e denunciava a gratidão”(ELLMANN:1959).

Joyce tateará o conceito acima citado em *Ulisses*, principalmente no episódio I, “Telêmaco”, na voz de Buck Mulligan. Este proclamará a si mesmo e a Stephen Dédalos os Super Homens. Ainda neste capítulo, ironicamente, sustentará um de seus argumentos citando o título da obra “Assim falou Zaratustra”. Ellmann ainda comenta sobre uma carta, de 1904, enviada a George Roberts em que Joyce pedia emprestado 1 libra ao remetente, e assinava: *James the ‘Overman’*.

Joyce é um dos maiores artífices das letras que a literatura já viu. Sua escrita é marcada por ambigüidades, repleta de alusões a símbolos e referentes de campos do saber distintos, da mudança de plano narrativo, sem contar os incontáveis neologismos que permeiam sua obra. Outra característica que ele aperfeiçoaria ao longo de sua carreira é o

---

<sup>10</sup>Tradução de Alípio Correia de Franca Neto .

manuseio de figuras e conceitos sagrados ou canônicos subvertidos a idéias grotescas, imorais e as vezes até profanas, como visto acima no poema acima. É sob este viés, da subversão de um conceito já consagrado que nos atemos ao conto “Um Caso Doloroso”.

Em sua obra, **My Brother’s Keeper**, Stanislaus Joyce, irmão de Jim, e seu parente mais próximo, assinala que ao compor o personagem Mr. Duffy, do conto “Um Caso Doloroso”, Jim “emprestou a Duffy alguns de seus próprios traços, como o interesse em Nietzsche e a tradução de Michael Kramer” com o intuito de elevar o nível intelectual do personagem.

O conto em questão está presente na obra “Dublinenses”, que é uma coletânea de 15 histórias, escritas entre 1904 e 1914<sup>11</sup>. Esta é a primeira obra em prosa de Joyce, que antes havia escrito apenas poemas e havia iniciado um romance auto-biográfico “Stephen<sup>12</sup> Hero”, que foi logo abandonado.

Em *Dublinenses*, Joyce desvia o enfoque de si próprio e aborda suas raízes sociais e culturais, ocupa-se das causas de sua rebeldia e não com os efeitos desta. Denuncia a moral de fachada de seus concidadãos, o desinteresse pelos valores mais elevados (como a arte) e sua estreiteza mental e provincianismo. Joyce disse ter escrito “um capítulo da história moral” de seu país e retrata os habitantes da capital irlandesa, os dublinenses, como inválidos, impotentes, destituídos de coragem e dominados pela idéia de paralisia. Paralisia, esta, engendrada pelo catolicismo e pelo autoritarismo familiar que fez de Dublin o cenário escolhido para essa obra, nas palavras do próprio autor: “Escolhi Dublin como cenário porque esta cidade parecia ser o centro da paralisia”<sup>13</sup>. Paralisia é a palavra chave de “Dublinenses”.

Do ponto de vista técnico e formal a obra era inovadora, e seu realismo e objetividade prenunciavam o modernismo. A impessoalidade<sup>14</sup> do narrador era latente, sua interferência era quase nula no tocante ao preenchimento lacunar operado pelo leitor. Joyce ambienta e seleciona seus símbolos dentro de sua ordem naturalista/realista e deixa que este material

---

<sup>11</sup> O livro enfrentou uma série de problemas editoriais para ser lançado. Muito por conta de Joyce citar nomes de pessoas e estabelecimentos reais de Dublin nos contos, e só foi lançado em 1914.

<sup>12</sup> Obra que Joyce tentou escrever sobre si mesmo sob o nome de Stephen Dedalus pela primeira vez. A obra tratava do artista em desenvolvimento e era dividida em muitas partes, porém por insatisfação do próprio autor foi rejeitada e só lançada postumamente. Joyce aproveitou a inclinação desta e a maturou até chegar a seu primeiro romance “Um Retrato do Artista quando Jovem”

<sup>13</sup> Carta de Joyce enviada a Grant Richards, editor de *Dublinenses*, onde o autor mostrava seu mote para a criação da obra.

<sup>14</sup> Sobre a impessoalidade do autor, Joyce, na voz de Stephen Dedalus em “Um Retrato do Artista quando Jovem” diz: “O artista, como deus da criação, permanece dentro, ou atrás ou além, ou acima de sua obra, invisível, refinado a ponto de deixar de existir, indiferente, a aparar as unhas” (JOYCE:2004, p.227)

selecionado fale por si mesmo. Há também uma redução da importância do enredo, uma vez que há uma redução da ação, favorecendo a atmosfera e os personagens construídas com grandes 'forças evocativas'. Assim como a obra de Tchecov, a prosa de Joyce, em *Dublinenses* é uma das marcas do conto moderno, no moderno caráter da escrita do século XX

É nesta obra que Joyce aplica pela primeira vez suas 'epifânias'. O termo, uma analogia emprestada de Joyce da anunciação do nascimento de Cristo aos Reis Magos, designa, na acepção joycena uma súbita manifestação da verdade, uma revelação quase 'espiritual' oriunda, "tanto na vulgaridade dos gestos ou da fala, quanto numa fase memorável da mente". O termo parece irônico e descabido aplicado a "Dublinenses" e sua temática, mas não deixa de ser irônico também o nascimento do filho de Deus num estábulo. Às vezes, as epifânias desempenham um grande papel na compreensão nesta obra primeira de Joyce, como já dito acima, no pertinente à falta de amaciamento dos caminhos do leitor. Alguns críticos chegam até a dizer que a coletânea é uma seleção de epifânias, pois tratam-se de revelações estáticas e impessoais de indivíduos ou situações.

Segundo Benilde Montgomery, "Dublinenses" "pode ser lido sob categorias Nietzscheanas. Joyce não só transforma essas categorias em ficção mas também as usa tanto como norteadores ideológicos quanto elementos estruturais na organização de seus contos. Tanto a filosofia de Nietzsche quanto a obra de Joyce intentam examinar os padrões morais vigentes e com isso propiciar a transformação de antigos valores estáticos e incrustados em novas realidades vitais."

Na filosofia de Nietzsche os conceitos parecem cumprir tal papel. Na própria conceituação do filósofo que queria transmutar todos os conceitos e convenções, ele pinta o homem elevado, aquele que enxerga seus contemporâneos do alto, como o transgressor, que não se cala diante das fragilidades humanas, do contingente e do sofrimento. Ele é o Super Homem que opera a trans-valorização dos valores.

Joyce manipula as categorias nietzscheanas não para eleger seus heróis ou ambientar um cenário cuja atmosfera nos remete à mais alta montanha, a apropriação funciona opostamente: estas categorias são usadas para elencar as falhas e fraquezas de seus personagens, o ar de inatividade e de ressentimento do panorama onde as relações se estruturam e desenvolvem.

Na “Genealogia da Moral” Nietzsche diz que enquanto a moral aristocrática (do homem realizado, pleno, do Super Homem) nasce de uma triunfal afirmação de si mesma, a moral dos escravos instaura um ‘não’ a tudo o que não é seu, um não a ele mesmo; esse ‘não’ é seu ato criador. E sobre o homem de ressentimento, homem cuja força motriz é esta moral dos escravos “Sua alma é turva, seu espírito procura os recantos e as vias tortas, as saídas furtivas, encanta-se com todo esconderijo de seu próprio mundo, aí se sente seguro, aí encontra seu repouso...”.

Os dublinenses são escravos morais da igreja, dos valores sociais, agem de acordo com o ressentimento, são paralíticos mentais incapazes de agir sem os ditos do sacerdócio. Joyce e Nietzsche apontam, cada um a sua maneira, a necessidade de um olhar crítico ao concreto, ao real em detrimento a um escape metafísico e abstrato. Somente a audácia, a bravura, a morte de deus, e o subir a montanha do Super Homem serão capazes de mudar esse panorama. Examinemos esta problemática mais de perto analisando o conto .

## **O conto**

“Um Caso Doloroso”<sup>15</sup> foi reescrito e finalizado em maio de 1905. No conto, o Sr. Duffy é um dublinense de meia idade que vive sozinho no bairro Chapelizold, “porque desejava viver o mais afastado possível da cidade a que pertencia e porque julgava os outros bairros de Dublin muito vulgares, modernos e pretensiosos.” Ainda sobre sua moradia, o narrador a pinta de COMO velha e sombria e diz que “ele próprio escolhera os móveis”<sup>16</sup>.

James Duffy detestava qualquer tipo de desordem, levava uma vida regrada e monótona: era caixa de um banco, e por isso acordava cedo todos os dias e tomava o mesmo bonde ao mesmo horário para ir trabalhar, almoçava no mesmo estabelecimento a mesma refeição, saía do trabalho e jantava no mesmo restaurante. A única “dissipação de sua existência” sistemática era a admiração à música de Mozart que às vezes o levava a algum concerto ou ópera.

Joyce lista algumas leituras de seu personagem. Em um primeiro momento, é citada uma tradução manuscrita da peça Michael Kramer de Hauptmann, que o protagonista vem

---

<sup>15</sup> O próprio título do conto já instaura uma dúvida: de quem será o caso doloroso? De Duffy ou da senhora Sinico?

<sup>16</sup> Nietzsche, escreve algo semelhante na epígrafe da “Gaia Ciência” : “Moro em minha própria casa. Nada imitei de ninguém. E ainda ri de todo mestre Que não riu de si também”.

trabalhando e as obras completas do poeta inglês Wordsworth. Numa segunda passagem o personagem tem como livros de cabeceiras “Assim Falou Zaratustra” e “A Gaia Ciência”.

Duffy ainda “tinha estranha mania autobiográfica que o levava, de quando em quando, a compor mentalmente uma curta sentença a respeito de si mesmo, colocando o verbo no passado e o sujeito na terceira pessoa.” Também é dito que ele nunca dava esmolas.

“Não tinha amigos, nem companheiros, nem igreja, nem credo. Vivia espiritualmente isolado de todos, visitando os parentes no Natal e acompanhando-os ao cemitério quando morriam”. Estes eram os únicos deveres sociais que cumpria em respeito às tradições, suas únicas concessões às convenções que regem o mundo dos cidadãos.

No conto, este Sr. Duffy, num destes concertos, conhece a Sra. Sinico. Esta mulher, mãe de uma adolescente e esposa de um capitão de navio mercante que lhe era distante e vivia em viagens exerceu um singular fascínio em Duffy. Os dois começam a se encontrar regularmente, primeiro em outros concertos, depois para passeios em bairros afastados. Estes encontros não passavam de colóquios de conversas ingênuas as quais ambos falavam de seus gostos, de música, seus passados etc. Seu marido, Sr. Sínico, pensando que Duffy era um pretendente à mão de sua filha encorajou os encontros, que passaram a ser em sua própria residência. “Tão sumariamente dispensara a esposa da galeria de seus prazeres, que não imaginava pudesse alguém se interessar por ela”.

Pouco a pouco os pensamentos da dupla começam a se entrelaçar e a companhia da Sra. Sinico era como o “solo tépido para uma planta exótica”, “abrandava as rudes arestas de seu temperamento e inoculava emoção em sua vida espiritual”. Porém, quando num encontro, num gesto de inusitada agitação a Sra. Sínico pegou-lhe a mão e apertou-a apaixonadamente contra o rosto, Duffy espantado resolveu romper as relações com a mulher. Para ele, “todo vínculo é um vínculo para o sofrimento”.

Quatro anos após o rompimento, ele lê no jornal que Emily Sínico morrera vítima de um acidente na estação de trem. Uma morte estúpida para ele! Soube pela circulação da notícia nos jornais que a mulher vinha bebendo e que inclusive se associou a uma liga anti-alcólica. Ele, a princípio, ficara desiludido e perguntara a si mesmo como pode ter se enganado a respeito daquela mulher? Era “sem dúvida uma mulher despreparada para a vida, sem a mínima força de vontade, presa fácil dos vícios; uma dessas ruínas sobre as quais tem sido edificada a civilização.” Então, concebeu que estava morta, que “cessara de existir, que se tornara uma recordação”.

Pouco depois, o remorso o acometeu, exasperou-se da retidão de sua conduta e “sentiu-se banido da festa da vida.” Alguém talvez o “tivesse amado e ele lhe negara vida e felicidade: condenara-o a ignomínia, à morte vergonhosa.”

### **A subversão paródica do Super Homem**

O termo paródia vem do grego e designa canto paralelo ou contra-canto. Também significa uma imitação literária satírica e burlesca. É um dos tópicos mais controversos e estudados dos estudos literários, e segundo Massaud Moisés é “toda composição literária que imita cômica ou satiricamente o tema ou/e a forma de uma outra obra, e tem por intuito ridicularizar uma tendência ou estilo que, por qualquer motivo, se torna apreciado ou dominante.”(MOISÉS, 2004, p. 340-341)

A paródia desenvolve-se por intertextualidade, ou seja, o diálogo entre dois textos, dois discursos, e pressupõe a “ironia como seu mecanismo de eleição”. Há uma inversão irônica em relação ao texto original, uma “repetição com distancia crítica que marca a diferença em vez da semelhança”, citando ainda Moisés.

Em Joyce nada é gratuito, mesmo a menor partícula de uma palavra-valise<sup>17</sup> em “Finnegans Wake”, ou uma referência qualquer à uma canção irlandesa em “Ulisses” ou até a nomeação de algum personagem<sup>18</sup>, a intenção do autor em referenciar algo e ‘argamassar’ o cenário é fato. Neutralidade não se encontra no texto joyceano.

Quando o irlandês compõe seu personagem sendo um leitor de Nietzsche e ainda com suas características pontuadas semelhantes ao ideal nietzscheano do homem superior, ele já está construindo um jogo dialógico, mesmo que sob ironia e paródia entre os dois criadores.

As características que ambos compartilham e tateiam no mesmo horizonte são: o isolamento - Duffy e o homem nietzscheano, e mesmo Zarathustra, vivem afastados da comunidade e se sentem superiores a seus contemporâneos; Duffy escolheu seus moveis e decorou sua casa como Nietzsche diz na epígrafe da “Gaia Ciência” em suas “Inscrições sobre

---

<sup>17</sup> Palavra-Valise ou Portmanteau Word, é uma construção mórfica que consiste em juntar duas palavras distintas, aglutinando-as de forma a criar outra. Lewis Carrol, com seu Humpty-Dumpty, foi uma das grandes influências de Joyce em *Finnegans Wake*. Humpty-Dumpty, que se dizia criador de palavras, e definiu a palavra-valise como “dois significados embrulhados numa palavra só.”

<sup>18</sup> Citando como exemplo a nomeação da personagem Stephen Dédalus, uma espécie de alter-ego de Joyce, Saint Stephen (Santo Estevão) foi o primeiro mártir cristão, e Dédalus, uma alusão ao mestre artífice grego, que construiu o labirinto de Creta, e pai de Ícaro, que com suas asas fugiram do mesmo labirinto. Ao batizar seu personagem com nomes de horizontes antagônicos, o cristão e a pagão, Joyce já assinala seu destino transgressor e inovador.

minha porta” já citadas acima e Duffy “Nunca dava esmolas...”. Nietzsche também ergueu armas contra à piedade e à humildade .

Com a leitura do conto, nós leitores, que nos familiarizamos com o aparato nietzscheano, vamos construindo um personagem forte, certo de suas idéias e que certamente tem suporte no ideário do Super Homem, mesmo com todas suas manias e sistemas repetitivos. Os elementos de ligação entre o personagem joyceano e o nietzscheano se ativam. Porém, o que vemos é que Duffy não se difere dos outros dublinenses, é um paralisado e um homem não pleno que hesita em se entregar a uma nova configuração de sua vida. Tem-se aí uma subversão do conceito do filósofo alemão.

O apreço à ordem física e mental, de Duffy, o impediu de operar a mudança tão cara à “transvaloração dos valores”, neste caso valores pessoais, incrustados numa performance rotineira e duradoura que o protagonista tinha como vida. Na voz de Zaratustra, Nietzsche diz:

Tudo vai, tudo torna; a roda da existência gira eternamente.. Tudo morre, tudo torna a ser; correm eternamente as estações da existência....A todos os momentos a existência principia; em torno de cada aqui, gira a bola acolá. O centro está em toda a parte. Curva é a senda da Eternidade.” (NIETZSCHE, 1999, p.169-170)

Como vimos, o Super Homem é aquele que se inscreve em força, que com bravura triunfa sobre as convenções sociais e a história, afirmando-se por sua própria vontade sem calar seus instintos perante a moral vigente.

Duffy foi contrário a seus impulsos em favor de não desestabilizar sua ordem vital quase monástica. Parece-nos que Joyce ironiza o conceito de Zaratustra, fazendo de seu personagem uma caricatura subvertida do Super Homem. Um Super Homem de palha, castrado. Ou talvez esteja mostrando que os ideais de Nietzsche serviam para a Europa mas não para o homem Irlanda tamanha era a prisão ao meio que estes personagens viviam.

Como afirmamos, este é apenas um momento do dialogo entre as obras destes dois autores. Joyce ainda se munirá das categorias e conceitos nietzscheanos em outros momentos, em outras obras, sob diferentes vieses. “Dublinenses” sendo sua prosa inicial, traz a critica do ressentimento moral, da omissão e da paralisia, tão caras ao projeto do Super Homem, e que pairavam sobre os dublinenses. Mas em outras obras, COMO... outras operações ‘dialogísticas’ se darão.

Parodical subversion of the nietzschean super man in "a painful case" by James Joyce

**Abstract:** *The aim of this work was to study the use of conceptual categories as defined by the German philosopher Friedrich Nietzsche in the short story A Painful Case by the Irish writer James Joyce. Particular emphasis is given to the idea of the 'Superman' from Nietzsche's works. We propose a parodic subversion of the 'Overman' concept in the ideological and structural articulation of the saga lived by James Duffy, the protagonist of this short story.*

**Keywords:** *Joyce. Nietzsche. Overman. Subversion. Dialogism.*

## Referências

- ANDERSON, Chester G. **James Joyce**. London: Thames & Hudson, 1986.
- ELLMANN, Richard. **James Joyce**. São Paulo: Globo, 1989.
- JOYCE, James. **Dublinenses**. São Paulo: Editora Record, 1970.
- \_\_\_\_\_. The Holy Office. In: **Critical Writings of James Joyce**. Nova York: Viking Press 1959; Londres: Faber
- \_\_\_\_\_. **Ulisses**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005
- \_\_\_\_\_. **Um Retrato do Artista quando Jovem**. Rio de Janeiro, 2004
- JOYCE, Stanislaus. **My Brother's Keeper: James Joyce's early years**. Londres: The Perseus Book Group, 2003.
- KIBERD, Declan. **Inventing Ireland: the literature of the Modern Nation**. London: Vintage, 1996.
- MOISES, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo-Cultrix, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Genealogia da Moral**. 3. ed. São Paulo: Escala, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999
- \_\_\_\_\_. **Ecce Hommo**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PARIS, Jean. **Joyce**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- VIZIOLI, Paulo. **James Joyce e sua obra literária**. São Paulo: EPU, 1991.